

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR NA MATERNIDADE EM EQUIPE MULTIPROFISSIONAL

ROLE OF THE HOSPITAL PSYCHOLOGIST IN THE MATERNITY IN A MULTIPROFESSIONAL TEAM

João Mário Lima de Sá¹

Psicólogo organizacional – São Luís/MA
joamariolima.psi@gmail.com

RESUMO O presente trabalho se refere a pesquisas bibliográficas acerca de possíveis relações entre a Psicologia Hospitalar em maternidade e equipes multiprofissionais. Desta forma conduziu-se o trabalho com o propósito de compreender aspectos relativos às especificidades tanto da Psicologia Hospitalar quanto das outras áreas de atuação dentro de uma maternidade. Para tanto o tema foi tratado tendo como pano de fundo as seguintes temáticas: Um pouco da história – Psicologia Moderna e Hospitalar; a Psicologia Hospitalar e o trabalho juntamente com equipe multiprofissional; a prática da Psicologia Hospitalar na maternidade. A pesquisa foi realizada utilizando o procedimento de revisão de literatura, onde foram realizadas buscas bibliográficas em artigos e livros. Mediante a realização do trabalho foi possível identificar, reconhecer e mesmo compreender algumas nuances que, embora não justifiquem, em alguma medida explicam algumas posturas profissionais tomadas no trabalho e, dado seu modo de acontecer, no encontro com o(s) outro(s). Desse modo, evidencia-se que estimular reflexões acerca do encargo do Psicólogo, clarificará ainda mais a relevância do assunto proposto, desta forma, o estudo realizado buscou elucidar a discussão sobre cada método utilizado dentro das maternidades para amparar, entender e confortar cada mãe e cada sofrimento que nela se encontra; o olhar da Psicologia em relação a essa problemática e como o trabalho juntamente com a equipe multiprofissional ajudar a sanar tal demanda.

1

Palavras-chave Psicologia Hospitalar; Maternidade; Equipe Multiprofissional.

ABSTRACT: The present work refers to bibliographical research on possible relationships between Hospital Psychology in maternity wards and multidisciplinary teams. In this way, the work was conducted with the purpose of understanding aspects relating to the specificities of both Hospital Psychology and other areas of activity within a maternity hospital. To this end, the topic was treated with the following themes as a backdrop: A little history – Modern and Hospital Psychology; Hospital Psychology and work together with a multidisciplinary team; the practice of Hospital Psychology in the maternity ward. The research was carried out using the literature review procedure, where bibliographical searches were carried out in articles and books. By carrying out the work it was possible to identify, recognize and even understand some nuances that, although not justified, to some extent explain some professional attitudes taken at work and, given the

¹ Graduado em Psicologia, pela faculdade Pitágoras, e-mail joamariolima.psi@gmail.com.

way it happens, in encounters with others. . In this way, it is evident that stimulating reflections on the role of the Psychologist will further clarify the relevance of the proposed subject, in this way, the study carried out sought to elucidate the discussion about each method used within maternity wards to support, understand and comfort each mother and every suffering that is found in it; the perspective of Psychology in relation to this problem and how working together with the multidisciplinary team helps to resolve this demand

Keywords: Hospital Psychology; Maternity; Multidisciplinary team.

INTRODUÇÃO

Hoje, é possível encontrar muitas obras sobre o trabalho de psicólogos em hospitais, principalmente. Contudo, a literatura tem pouco a dizer sobre o efeito de um psicólogo hospitalar que se aplica à obstetrícia junto a uma equipe multiprofissional. Porém, não há sistematização de como esse conhecimento pode ser utilizado na prática de psicólogos nas impressões maternas e neonatais.

Mediante a isso, faz-se necessário discutir mais acerca dos aspectos conceituais e teóricos encontrados na literatura, acerca do trabalho do Psicólogo Hospitalar em equipe multiprofissional dentro das maternidades.

Tendo em vista a complexidade da assistência e o trabalho juntamente a uma equipe multiprofissional, o psicólogo hospitalar pode desenvolver estratégias que se leva em conta fatores como as necessidades psicossociais e emocionais dessas gestantes e puérperas e também da sua família.

Foi estabelecido como objetivo geral discorrer sobre o foco nas principais condições a respeito das reflexões na maternidade sobre o olhar da psicologia hospitalar juntamente com o trabalho em parceria com equipe multiprofissional. E como objetivos específicos, verificar o conceito e caracterização da Psicologia Hospitalar, identificar as principais considerações da psicologia juntamente com o trabalho em equipe multiprofissional e elucidar os aspectos relacionados à Psicologia Hospitalar no campo da maternidade.

Este estudo apresenta a proposta de compreensão sobre a inserção na prática da psicologia em maternidades por meio das perspectivas de uma reflexão da psicologia sobre a própria prática em equipes multiprofissionais e a participação da psicologia nessas interações. O tema estabelece uma conversa entre o profissional psicólogo com a pessoa da mulher e sua família no ambiente neonatal.

A pesquisa se deu pela utilização do procedimento de revisão de literatura, onde foram realizadas pesquisas bibliográficas nas bases de dados da biblioteca virtual de saúde (bvs), bireme,

lillacs, scielo, google acadêmico, livros e biblioteca digital brasileira (bdtc), disponíveis na íntegra, em língua portuguesa.

Os dados foram organizados em três capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre um breve olhar sobre a psicologia e sua prática nos hospitais. O segundo apresenta o trabalho do psicólogo juntamente com equipe multiprofissional. Por fim, o terceiro capítulo apresenta a prática da psicologia hospitalar na maternidade.

UM BREVE OLHAR SOBRE A PSICOLOGIA E SUA PRÁTICA HOSPITALAR

Desde que a história da humanidade se tem registro, teóricos vêm tentando compreender o pensamento e o comportamento humano. Cada esforço tem elaborado muitas descobertas e conclusões relevantes, apesar de que também se devam considerar algumas narrativas e incertezas. Ainda assim, muitos dos questionamentos levantados tempos atrás ainda são relevantes hoje em dia, o que demonstra uma considerável cadeia de problemas, e, acima de tudo, que a Psicologia tem uma ligação imprescindível e real com o seu próprio passado (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

A rigor, a história da psicologia não existe pelo menos singularmente. Existem inúmeras maneiras de imaginar o campo "psicológico", e existem muitas outras maneiras de se tornar "psicólogo" inserindo e intervindo nesse campo. Integrar essa ampla gama de perspectivas não é fácil e pode até ser considerado impossível: Inevitavelmente, ao revelar esse conjunto bastante confuso, o surgimento da unificação será conquistado com base em preconceitos e preferências pessoais que se concentram em um elemento para obscurecer ou mesmo negligenciar outros elementos (VILELA, FERREIRA; PORTUGAL, 2018).

Além dessa diversidade, a história da psicologia pode se concentrar em conceitos e teorias, ou na prática psicológica. Sabendo quão estreitamente esses dois polos estão interligados, não há suposição importante de que teoria e prática coincidam de maneira muito simples. Isso é verdade em todas as áreas do conhecimento, mesmo em nosso campo. Por exemplo, pode haver um grande desequilíbrio entre o desenvolvimento real e a conquista da teorização e vice-versa (VILELA, FERREIRA; PORTUGAL, 2018).

De fato, não há nada na tendência da psicologia contemporânea. Em vez disso, há uma enorme diferença entre os assuntos especializados e de pesquisa do acadêmico e especialidade e até mesmo divergências. O conhecimento histórico, no entanto, cria procedimentos para criar o caos e o

caos, para entender melhor o passado e explicar a interpretação do presente (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Concentrando-se em menos de 20 anos antes da psicologia histórica, o desempenho psicológico de uma instituição médica não é amplamente considerado como uma prática psicológica. Especialistas vêm buscando esse caminho, mas muitos que descreveram essa direção como a conhecem hoje estão seguindo-a. Portanto, as atividades dos psicólogos organizacionais e clínicos devem atender às necessidades da organização (FOSSI; GUARESCHI, 2004).

Por volta da década de 1970, a demanda por trabalho psicológico começou a partir de uma nova perspectiva, que incluía clientes diferenciados, locais únicos e a necessidade de considerar o contexto de pacientes em psicoterapia. À medida que a perspectiva do indivíduo existente muda, ele é inserido na percepção da experiência vívida da inserção social do objeto, isto é, na contextualização dos fenômenos clínicos. Tudo isso mudou a noção de prática e levou à expansão do campo, com maior ênfase nas práticas sociais e coletivas. O mais proeminente neste exercício foi relacionado à saúde (MAIA et al., 2004).

Apesar da perspectiva clínica tradicional, houve uma série de mudanças tanto com relação às competências dos psicólogos como a própria visão dos sujeitos dos cuidados psicológicos. Nesse sentido, estão surgindo muitas especialidades em psicologia, especialmente a psicologia da saúde hospitalar (ALMEIDA; MALAGRIS, 2011).

À medida que a psicologia avança nessa nova área, também existem problemas, como os quadros teórico-práticos fornecidos pelas instituições de treinamento, com base em seus próprios conhecimentos, que podem servir de referência para a formação básica dos profissionais que desejam trabalhar nesse campo/área. Portanto, é essencial discutir a formação de psicólogos no âmbito hospitalar (ALMEIDA; MALAGRIS, 2011).

O hospital foi expandido para um novo emprego no campo da psicologia e expandiu seu campo de especialização, mas não há base teórica e prática para estabelecer uma base para sua prática clínica tradicional. No entanto, se essas dificuldades são encontradas, o encaminhamento clínico tradicional e o tratamento tradicional não são transferidos, aqueles que iniciam psicologicamente a condição médica colocam questões em novas habilidades vocacionais (MAIA et al., 2004).

Os hospitais em geral, ouvem os médicos para tratar seus pacientes. Médicos e enfermeiros observam que vários pacientes retornam para esses hospitais ainda “doentes”, solicitando cuidados. As equipes médicas (e também outros funcionários do hospital), em alguns casos, mostram que o

tratamento médico não é suficiente para alcançar o sucesso apenas. Faz-se, então, necessária à escuta terapêutica com usuários, e, conseqüentemente, a escuta de seus familiares. O ser humano é muito mais que um corpo físico, e assim, o atendimento integral à saúde é indiscutível (ANGERAMI-CAMON, 2010).

Simonetti (2016) ao apontar como objetivo da psicologia hospitalar os aspectos psicológicos, e não as causas psicológicas, mas tal conceito é livre de disputas relacionadas a causas mentais devido a causas orgânicas da doença. A psicologia hospitalar não trata apenas das doenças com causas psíquicas, classicamente denominadas “psicossomáticas”, mas depende do lado psicológico de qualquer doença. Toda doença apresenta aspectos psicológicos sendo assim todos os pacientes são subjetivos e, portanto, cada um podem se beneficiar do trabalho da psicologia hospitalar.

Conseqüentemente, a integração da equipe de saúde é imprescindível para que o atendimento e o cuidado alcancem a todos, considerando as diversas necessidades do paciente e assim, transcendendo a noção de conceito de saúde, de que a ausência de enfermidade significa ser saudável. Desta forma, uma equipe multiprofissional desempenha um papel importante no fornecimento de atenção aos hospitais em assistência composta por médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas, assistentes sociais e outros profissionais., proporcionando serviços humanizados e atendendo as necessidades de outros usuários (FOSSI; GUARESCHI, 2004).

A psicologia hospitalar auxilia a equipe médica em todo o seu trabalho. A experiência multidisciplinar fornece um continuo de construção de identidade psicológica, enquanto um profissional do campo da saúde. Essa psicologia hospitalar não se limita apenas à prática clínica, mas também à prática universal dos psicólogos hospitalares, pois afeta não apenas os profissionais médicos, mas também a questão da qualidade de vida dos usuários. A inferência que traspassa as atividades do psicólogo no hospital mostra outra visão de indivíduo, não fragmentada, mas como um todo, como um ser biopsicossocial com o direito inalienável à dignidade e respeito. (ANGERAMI-CAMON, 1996)

Estilos comportamentais mais específicos atendem às características biométricas de médicos, enfermeiros e outros funcionários que se concentram em pensamentos mais específicos. Com sugestões específicas, o psicólogo falará o mesmo idioma e aumentará a probabilidade de comunicação eficaz. Com vistas detalhadas sobre as características epidemiológicas da doença e a literatura abordada pela equipe de pesquisa, é mais provável que seus planos de trabalho sejam mais produtivos, inovadores e gerem conhecimento. Isso só ajuda na interação com a equipe e com o

paciente. Somente dessa maneira, o psicólogo está pronto para interagir com a equipe como membro participante, não como membro de apoio (GORAYEB, 2001).

É necessário levar em consideração as áreas de ideias psicológicas ou similares ou práticas, habilidades e ferramentas psicológicas, especialmente neste segundo caso, decisões sociais históricas e seu impacto na vida cultural e na coletividade. Determinação dentro de cada sistema. Em outras palavras, é possível falar claramente sobre o "interior" da psicologia, enfatizando a relação entre conceitos e habilidades. Mas podemos e devemos investir na história "externa" da psicologia, onde ideias e práticas são estudadas à luz da história social e cultural. Não há história da psicologia, mas existem inúmeras histórias e maneiras de contar cada uma delas (VILELA, FERREIRA; PORTUGAL, 2018).

O psicólogo tem uma atuação de grande importância dentro de um hospital, como um profissional de saúde, envolvendo indivíduos e áreas sociais e de saúde pública, buscando sempre o bem-estar individual e social, usando também informações das áreas de Medicina, Enfermagem, Serviço Social, Nutrição e outras áreas afins. Um trabalho em parceria com toda equipe visando o bem-estar do paciente (CAMPOS, 1995).

Tudo isso sem perder a própria identidade como profissional da psicologia. Em relação a temática abordada considerou-se, também importante, ser evidenciado sobre a atuação do Psicólogo dentro das maternidades juntamente com a equipe multiprofissional, analisando como seria este campo da saúde, sua precariedade e o atendimento assistencial com mães que necessitam de um olhar e cuidado diferenciado acerca das problemáticas trazidas por cada experiência. Desse modo, evidencia-se que estimular reflexões em torno do exposto abordado à prática do psicólogo hospitalar clarificará ainda mais a relevância do assunto proposto, desta forma, o estudo realizado busca elucidar a discussão sobre cada método utilizado dentro das maternidades para amparar, entender e confortar cada mãe e cada sofrimento que nela se encontra; o olhar da Psicologia acerca de dessa problemática e como o trabalho juntamente com a equipe multiprofissional ajudar a sanar tal demanda.

A PRÁTICA DA PSICOLOGIA HOSPITALAR NA MATERNIDADE

Nos dias atuais é possível encontrar muitos artigos e livros a respeito da atuação de psicólogos em hospitais, especialmente em relação a seu papel, que geralmente está associado a ajudar pacientes e acompanhantes a lidarem com suas doenças e hospitalização. No entanto, é de

suma importância falar sobre o trabalho do psicólogo na maternidade juntamente com a equipe multiprofissional.

Existem muitos artigos que tratam a respeito da relação da mãe e seu bebê, dos sentimentos e emoções de casais que passam pela gestação, do parto e do pós-parto. Todavia, não há uma regularização de como podemos usar este conhecimento na prática dos psicólogos nas maternidades. A maioria dos pacientes atendidos neste campo não está doente, mas estão grávidas. As pessoas geralmente não pensam na dor no ciclo da gravidez. (ARRAIS, 2005).

Existem poucos casos nos quais a equipe de psicologia é solicitada a acompanhar, geralmente para os casos em que os RNs têm uma má formação, alguma deficiência, ou quando há alguma intercorrência decorrente dos pais, ou ainda em casos de aborto e óbitos, pois o pedido de mães fica mais evidente nestas situações. Raramente somos chamadas para intervir de forma a proporcionar a psicoprofilaxia das gestantes e puérperas (ARRAIS; MOURÃO, 2013).

Os poucos artigos encontrados como o de Baltazar; Gomes E Cardoso (2010) reforçam a importância da estruturação de rotinas e protocolos para a atuação de psicólogos em Unidades de Terapia Intensiva ou Unidades de Tratamento Intenso Neonatal (UTIN). Assim, esse cenário lacunar contribuiu para o desenvolvimento da psicologia hospitalar como um todo, estimulando o nascimento de um psicólogo na UTIN e incentivando os psicólogos interessados nesse campo a inspirar e ajudar.

Programas de acompanhamento sistêmico durante a gravidez e o pós-parto são essenciais para integrar e melhorar as políticas de saúde nesse setor. No Distrito Federal, são realizadas oficinas de educação social com mulheres que moram no setor habitacional de Ceilândia (DF) e são classificadas como aglomerados anormais devido às más condições sociais e sanitárias. No nível comunitário, esse acompanhamento tem a participação de mulheres em movimentos sociais para reconhecer e apoiar as gestantes por meio de acesso limitado a serviços qualificados. Os grupos de orientação consistem no principal objetivo de garantir a participação ativa e o “empoderamento” das mulheres grávidas. (BARBOSA, ARAUJO; ESCALDA, 2015).

A prestação de serviços nas unidades de saúde é ampliada de acordo com as diretrizes atuais. No entanto, muitos comportamentos favorecem a dimensão biológica, perpetuando o modelo tradicional de bem-estar social, e os aspectos psicossociais não são totalmente abordados. (CABRAL, MARTINS; ARRAIS, 2012; ARRAIS, MOURÃO, 2013; BORTOLETTI, 2007).

É muito importante estabelecer uma proposta de atuação do psicólogo na maternidade centralizado na mãe e na UTIN. Esclarecendo suas dúvidas e ajudando-a em sua internação, como

procedimentos e cuidados. É realizada diariamente uma visita aos leitos/enfermarias visando acolher a paciente e detectar possíveis demandas para a psicologia. Nesse momento o psicólogo pode utilizar-se da escuta terapêutica e de técnicas para controle da ansiedade e dor.

A gravidez é um período normal na vida de uma mulher, mas também é o estágio de adaptação às mudanças físicas e psicológicas. Uma gravidez desejada geralmente significa um desejo de ter filhos, um desejo de trazer uma nova vida. Infelizmente não é sempre como planejado ou esperado. Um ponto significativo na gravidez é a evolução de uma infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) (PINTO, 1995).

Para saber se existe uma correlação direta entre a evolução da gravidez e a infecção pelo HIV, é essencial comparar a evolução da doença entre mulheres grávidas soropositivas e mulheres soropositivas não grávidas. Mas parece não haver pesquisas conclusivas sobre esse assunto. Existem observações de casos isolados, estudos retrospectivos e prospectivos, mas nenhum modelo significativo. No entanto, alguns estudos comparativos realizados demonstraram que as condições maternas não mudam significativamente em mulheres assintomáticas ou com pouca gestação. Mas não se pode garantir que o mesmo acontece quando a gravidez surge de uma doença grave (PINTO, 1995).

No entanto, essas complicações estão inerentemente relacionadas a outros fatores, como condições socioeconômicas ou dependência de drogas, e não propriamente por serem soropositivas. Estudos em mulheres grávidas que não dependem de drogas ou que não consomem há meses ou anos parecem ter uma evolução bastante normal. Em qualquer dos casos, essa gravidez deve ser considerada de risco e ter vigilância clínica constante (PINTO, 1995).

Em tal caso, o psicólogo hospitalar na maternidade deve favorecer a psicoprofilaxia do ciclo gravídico-puerperal. É oferecido este atendimento às gestantes e puérperas que apresentam um sofrimento com a atual vivência, pois, a chegada de um bebê pode suscitar sofrimento em vários aspectos tais como: no relacionamento social, na identidade, o medo do parto, a insegurança no papel de mãe, a realização de um parto muito diferente do idealizado, o confronto do bebê real com o imaginário, dentre outros (WENDLAND, 2012; CABRAL, MARTINS; ARRAIS, 2012).

Oportunizando uma escuta atenta à paciente que passa por um momento delicado de mudanças intensas; proporcionando atendimento individual às parturientes, puérperas que por algum motivo estejam passando por alguma dificuldade, devido ao processo de internação, gestação, parto, dificuldades com a amamentação, entre outros. O trabalho do psicólogo hospitalar

na maternidade durante o período do puerpério se dá num momento particular em que a questão da filiação está emergente (ARRAIS; MOURÃO, 2013).

Outra proposta é esclarecer os procedimentos a serem realizados durante a hospitalização para familiares e acompanhantes. Seja claro sobre as dúvidas sobre o procedimento com o bebê e o paciente. Aconselhar sobre as mudanças que ocorrerão nas rotinas familiares e como elas podem prosseguir; assim como a socialização do paciente e da família com a equipe (ARRAIS; MOURÃO, 2013).

A presença do psicólogo durante o trabalho de parto pode ser benéfica para a paciente. Incentivar a participação do pai ou do acompanhante durante todo o processo; oferecer atenção integral à parturiente de forma que ela não se sinta desamparada; proporcionar uma parte mais humanizada possível, segundo as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS); Fazendo assim o manejo da dor e da ansiedade (ARRAIS; MOURÃO, 2013).

O Psicólogo também podendo incentivar o contato físico entre os pais e o recém-nascido (RN); visitando a UTIN ou prestando cuidados à família, proporcionando apoio emocional e acompanhando os pais ou parentes do bebê, para que todos possam vivenciar as visitas da melhor maneira possível. E a comunicação com o bebê estimula os pais, especialmente as mães, e essa participação é benéfica para as mulheres, para o pai e para o bebê, afirmam estudos de Perdomini e Bonilha (2011).

Encorajá-las a procurar ajuda para identificar alterações patológicas tirando dúvidas sobre mitos maternos; esclarecer acerca da probabilidade de perda fetal ou infantil, risco de gravidez, e malformações fetais. Deixando claro sobre a consciência da importância do planejamento familiar, planejamento do nascimento e companhia durante o trabalho de parto e parto, incluindo dor, transtornos mentais, depressão e transtornos de ansiedade, mudanças nos papéis familiares e sociais, mudanças no desejo sexual e conflitos conjugais, por exemplo, (ARRAIS; MOURÃO, 2013).

Prestar atenção ao óbito perinatal é um assunto bastante delicado e é papel dos psicólogos hospitalares favorecer para que este luto possa ser elaborado. Chatelard e Freire (2012) apontam para uma falta de reconhecimento social da dor dos pais na morte de um feto ou recém-nascido. As pessoas não entendem essa perda como uma perda de um filho cujos pais estiveram mentalmente envolvidos. Usam frases como “você é jovem, poderá ter outros filhos”, como se outro pudesse substituir o lugar do filho que perderam. Desta forma, as condições mínimas para a preparação do luto, neste caso, tendem a ser negligenciadas.

Relacionamentos instáveis entre as pessoas e a equipe de saúde podem trazer mais dor a certos funcionários do que o esperado. No entanto, é a trajetória hospitalar do indivíduo que define o foco da psicoterapia, que pode ser pré-operatório, pós-operatório, ambulatorial ou enfermaria. Através destas considerações, o trabalho do psicólogo será descrito e implementado levando em consideração as necessidades pessoais da pessoa (ARRAIS; MOURÃO, 2013).

Foi considerado que o papel e tarefas do psicólogo hospitalar ainda se encontram em construção. É destacada a proposta de algumas “novidades” ainda pouco realizadas na prática desta área como o pré-natal psicológico e o atendimento ao óbito perinatal. Assim, é esperado que o presente trabalho pudesse inspirar psicólogos e que esta proposta de atuação possa acrescentar na prática dos psicólogos hospitalares de maternidades e UTIN (ARRAIS; MOURÃO, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se trata do serviço psicológico no contexto hospitalar, primeiro percebe-se as diferenças no ambiente com relação à atuação clássica dos psicólogos. Ao incorporar a pesquisa psicológica nas equipes multidisciplinares de saúde, a psicologia começa a pensar na saúde de uma forma complexa, que pode ser apresentada como um conceito que pode promover formas de vida e colocá-las em modelos que cobrem a dimensão do sujeito como cidadãos em qualquer área.

10

A psicologia enfrenta o desafio de articular de maneira incisiva a questão da saúde em suas práticas com equipes multidisciplinares, perguntando principalmente qual concepção de sujeito e sociedade constitui a substância das práticas psicológicas em hospitais e maternidades. O trabalho da psicologia em equipes multidisciplinares deve ser considerado algo mais profundo, que merece uma discussão complexa que, no mínimo, possa tornar problemáticos, impasses contemporâneos envolvendo essas práticas psicológicas sobre doenças e saúde.

Em cada prática psicológica, essa discussão é necessária, bem como as ações que constituem o trabalho do psicólogo. Assim, para os profissionais de psicologia, as atividades de saúde mental não são as únicas a serem limitadas; qualquer trabalho realizado no campo das relações comunitárias com o objetivo de promover o bem-estar e a saúde e, na medida do possível, o trabalho da psicologia será interessante, ou seja, o profissional da saúde também deve estar presente na formulação, organização e desenvolvimento de políticas públicas e sociais de saúde.

Considera-se que o papel e as tarefas do psicólogo hospitalar ainda estão em construção. Foi destacada nesse trabalho de conclusão de curso a proposta de “novidades” ainda não concretizadas,

em sua totalidade, na prática desse campo, como atendimento psicológico pré-natal e atendimento em caso de morte perinatal. Espera-se que o presente trabalho inspire psicólogos e que essa proposta de ação possa contribuir para a prática dos mesmos na maternidade e unidades de terapia intensiva em hospitais, juntamente com equipes multidisciplinares.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, Valdemar (Org.). **E a psicologia entrou no hospital**. 1. ed. São Paulo: Cengage, 1996.

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. **A prática da psicologia da saúde**. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 183-202, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582011000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2019.

ARRAIS, A. R (2005). **As Configurações Subjetivas da Depressão Pós-Parto: Para Além da Padronização Patologizante**. 2005. 158 f. Dissertação (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, DF.

ARRAIS, Alessandra da Rocha; MOURAO, Mariana Alves. **Proposta de atuação do psicólogo hospitalar em maternidade e UTI neonatal baseada em uma experiência de estágio**. Rev. Psicol. Saúde, Campo Grande, v. 5, n. 2, p. 152-164, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2013000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2019.

ARRAIS, A.R.; MUZA, J. C.; SOUSA, E. M. & IACONELLI, V. (2012). **Quando a morte visita a maternidade: papel do Psicólogo Hospitalar no atendimento ao luto perinatal**. Revista Psicologia Teoria e Prática.

BALTAZAR, D. V. S.; GOMES, R. F. S.; CARDOSO, T. B. D. (2010). **Atuação do psicólogo em unidade neonatal: rotinas e protocolos para uma prática humanizada**. Rev. SBPH.

BARBOSA, L. M. M., ARAUJO, T. C. C. F., & ESCALDA, P. (2015). **Tecnologias sociais em saúde: contribuições para redução da mortalidade materna e infantil em Ceilândia, DF**. In M. I. Gandolfo, M. I. Tafuri, & D. S. Chatelard (Eds.). *Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea 2* (pp. 360-376). Brasília: Technopolitik.

CABRAL, D. S. R., MARTINS, M. H. F., & ARRAIS, A.R. (2012). Grupo de pré-natal psicológico: avaliação de programa de intervenção junto a gestantes. Encontro: Revista de Psicologia. No prelo

CAMPOS, T. C. (1995). **Psicologia Hospitalar: A atuação do psicólogo em hospitais**. São Paulo: EPU.

CHATELARD, D. S & FREIRE, T. C. (2012). Natimorto Invisível In: Wendland, J.; Correia Filho, L.; Lucena, L. H. & Barr, M. ^a (orgs). **Primeira infância: idéias e intervenções oportunas**. p. 108-113. Brasília: Editora Senado.

CHIATTONE, H. B. C. (2000). **A significação da psicologia no contexto hospitalar**. In V. A. Angerami (Org.), *Psicologia da saúde: um novo significado para a prática clínica* (pp.73-158). São Paulo: Pioneira.

FOSSI, Luciana Barcellos; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **A psicologia hospitalar e as equipes multidisciplinares**. Rev. SBPH, Rio de Janeiro , v. 7, n. 1, p. 29-43, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582004000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 5 mai. 2019.

GORAYEB, R. (2001). **A prática da psicologia hospitalar**. *Psicologia Clínica e da Saúde*, p. 263-278. Londrina: UEL-APICSA. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Ricardo_Gorayeb/publication/242745738_A_pratica_da_psicologia_hospitalar/links/54edd8410cf25238f9391a26.pdf> . Acesso em: 20 set 2019.

MAIA, E. C., SILVA, N. G., MARTINS, R. R., & SEBASTIAN, R. W. (15 de Abril de 2004). **Psicologia da saúde-hospitalar: da formação a realidade**. Disponível em: <SciELO: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1657-92672005000100007>. Acesso em: 17 set 2019.

Organização Pan-Americana de Saúde (1996). **Promoción de la salud: una antología** (Publicación Científica, 557). Washington, DC: OPAS. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1135-57271997000300010&lang=en>. Acesso em: 25 out. 2019.

PERDOMINI, F. R. I. & BONILHA, A. L. L.. (2011). **A participação do pai como acompanhante da mulher no parto**. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 20(3), 445- 452.

PINTO, Ana Cristina Marques (1995). **Sida, gravidez e Maternidade**. *Análise Psicológica*. .

SIMONETTI, Alfredo. **Manual de psicologia hospitalar: o mapa da doença**. 8. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

SCHULTZ, D. P. & SHULTZ, S. E.. **História da Psicologia Moderna**. 9. ed. São Paulo: Cengage, 2009.

TONETTO, Aline Maria; GOMES, William Barbosa. **A prática do psicólogo hospitalar em equipe multidisciplinar**. *Estudos de Psicologia*, vol. 24, núm. 1, enero-marzo, 2007, pp. 89-98 Pontifícia Universidade Católica de Campinas Campinas, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395336187010>> . Acesso em: 10 set 2019.

VILELA, Ana Maria Jacó-; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. **História da Psicologia: rumos e percursos**. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU, 2018

WENDLAND, J (2012). **Prevenção, intervenções e cuidados integrais na gravidez e no pós-parto.** In: Wendland, J.; Correia Filho, L.; Lucena, L. H. & Barr, M. ^a (orgs). Primeira infância: idéias e intervenções oportunas. p. 25-38. Brasília: Editora Senado.